



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Os pressupostos da Geografia Agrária libertária na geograficidade de Manuel Correia de Andrade

Walter Luiz Junior^I , Flamarion Dutra Alves^{II} 

^I Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, MG, Brasil

^{II} Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, MG, Brasil

RESUMO

Os estudos sobre as contribuições de Manuel Correia de Andrade para a geografia agrária são diversos, mas poucos realizaram uma relação das influências da geografia libertária de Élisée Reclus na sua obra, nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar as influências teórico-metodológicas de Reclus nos estudos agrários de Andrade. Para tal, foram selecionadas obras dos dois autores, para que se pudesse compreender os pontos em comum em algumas categorias como trabalho, luta de classe, desenvolvimento desigual do capitalismo e progresso. Assim, a geografia agrária libertária de Andrade caminha para ideias do mutualismo proposta por Reclus, no que tange a cooperação entre os agricultores camponeses, como forma de fortalecimento frente aos avanços do capitalismo e dos grandes proprietários rurais. Apesar dos contextos histórico-geográficos distintos, os autores coadunam das ideias de fortalecimento entre os segmentos das populações menos favorecidas, para avançar e romper com as desigualdades impostas pelo progresso que o capitalismo impõe na sociedade. A cooperação é a tônica dos discursos de Reclus e Andrade, como forma de fortalecer o trabalho entre os pequenos agricultores e camponeses, seja pela condução das ações coletivas da sociedade para Reclus ou para o Estado em Andrade.

Palavras-chaves: história do pensamento geográfico; geografia libertária; teoria e método.

The assumptions of libertarian Agrarian Geography in Manuel Correia de Andrade's geography

ABSTRACT

The studies on Manuel Correia de Andrade's contributions to agrarian geography are diverse, but few have made a relationship of the influences of the libertarian geography of Élisée Reclus in his work, in this sense, the aim of this article is to analyze the theoretical-methodological influences of Reclus in the agrarian studies of Andrade. To this end, works of the two authors were selected, so that the points in common could be understood in some categories such as work, class struggle, unequal development of capitalism and progress. Thus, the libertarian

agrarian geography of Andrade moves towards ideas of mutualism proposed by Reclus, with regard to cooperation between peasant farmers, as a way of strengthening in the face of the advances of capitalism and the great rural owners. Despite the distinct historical and geographical contexts, the authors share the ideas of strengthening among the segments of the less favoured populations, to advance and break with the inequalities imposed by the progress that capitalism imposes on society. The cooperation is tonic of the speeches of Reclus and Andrade, as a way to strengthen the work among the small farmers and peasants, whether by conducting the collective actions of the society for Reclus or for the State in Andrade.

Keywords: history of geographical thought; libertarian geography; theory and method.

Les hypothèses de la Géographie Agraire libertaire dans les géographies de Manuel Correia de Andrade

RÉSUMÉ

Les études sur les contributions de Manuel Correia de Andrade à la géographie agraire sont diverses, mais peu ont fait une relation des influences de la géographie libertaire d'Élisée Reclus dans son travail, en ce sens, le but de cet article est d'analyser les influences théorico-méthodologiques de Reclus dans les études agraires d'Andrade. A cette fin, les œuvres des deux auteurs ont été sélectionnées, afin que les points communs puissent être compris dans certaines catégories comme le travail, la lutte des classes, le développement inégal du capitalisme et le progrès. Ainsi, la géographie agraire libertaire d'Andrade s'oriente vers des idées de mutualisme proposées par Reclus, en ce qui concerne la coopération entre paysans, comme moyen de se renforcer face aux avancées du capitalisme et des grands propriétaires ruraux. Malgré les contextes historiques et géographiques distincts, les auteurs partagent les idées de renforcement entre les segments des populations défavorisées, de progrès et de rupture avec les inégalités imposées par le progrès que le capitalisme impose à la société. La coopération est tonique des discours de Reclus et d'Andrade, comme un moyen de renforcer le travail parmi les petits agriculteurs et les paysans, que ce soit en menant les actions collectives de la société pour Reclus ou pour l'État à Andrade.

Mots-clés: histoire de la pensée géographique; géographie libertaire; théorie et méthode.

INTRODUÇÃO

Numerosas são as pesquisas sobre a história da Geografia Agrária constando uma rica produção científica realizada no Brasil (FERREIRA, 2002; ALVES, 2010; VINHA, 2012), porém, a práxis libertária como um ponto de partida nas obras dos geógrafos agrários ainda apresenta uma pequena produção. Nessa perspectiva, desde a década de 1990, vem-se constatando na pesquisa acadêmica um crescente interesse em compreender as contribuições do geógrafo francês libertário Élisée Reclus (1830-1905), que foi um dos cientistas a avançar o saber da Geografia, após a morte de Alexander Von Humboldt e Karl Ritter na geografia produzida no final do século XIX.

Élisée Reclus através da sua Geografia libertária semeou e deixou raízes do que seria uma geografia agrária libertária social, estruturando-se em uma geografia do povo, e constata-se que a geograficidade do geógrafo francês está com uma proposta e objetivo de através da ciência transformar a sociedade para melhor, sempre almejando um progresso

social e uma melhoria de bem estar social dos povos. A obra de Reclus é vasta e deixou sua contribuição na gestão comum da sociedade (LUIZ JUNIOR, 2022).

Posto isto, devido à importância do pensamento social de Manuel Correia de Andrade (1922-2007) na sociedade contemporânea, e na construção do pensamento social brasileiro e do pensamento histórico-geográfico pretendemos compreender as relações e influências da Geografia Libertária em Reclus na Geografia Agrária de Andrade. O objetivo geral do artigo visa analisar as contribuições de Manuel Correia de Andrade para formação de uma geografia agrária libertária e identificar as relações, pressupostos e influências de Reclus nas obras de Andrade.

Desse modo, a análise de conteúdo e discurso (BARDIN, 2011), torna-se a base central para construir uma síntese de narrativa científica que consiga exprimir as bases, definições e coligações de uma geografia agrária libertária que consiga ter uma visão ampla de espaço Brasil e espaço mundo através da geograficidade desses dois importantes pensadores de seus tempos.

Para essa análise, foram selecionadas algumas categorias trabalhadas por Élisée Reclus ao longo de sua trajetória que são fundamentais em sua obra e que exprimem o pensamento libertário, como desenvolvimento desigual do progresso, luta de classe, autonomia e liberdade dos povos e as contradições do capitalismo. Esses elementos são analisados e relacionados em algumas obras de Manuel Correia de Andrade (Quadro 1).

Quadro 1 – Obras selecionadas de Reclus e Andrade.

Categorias selecionadas	Obras de Élisée Reclus	Obras de Manuel Correia de Andrade
- Progresso - Luta de Classe - Autonomia da sociedade - Trabalho - Avanço do capitalismo	- Anarquia pela educação; - Da ação humana na Geografia Física: Geografia comparada no Espaço e no Tempo; - O Homem e a Terra-Progresso; - O Homem e a Terra: A Cultura e a Propriedade; - O Homem e a Terra. O Estado moderno;	- A terra e o homem no Nordeste; - Agricultura e Capitalismo; - Abolição e reforma agrária; - A questão do território no Brasil; - O povo e o poder;

Organização: Os autores, 2023

A seleção dessa pequena amostra, no universo das vastas obras dos autores, permitirá trazer a luz as contribuições teórico-metodológicas para a Geografia Agrária Libertária, indicando caminhos de uma geografia com uma atenção as demandas da sociedade, seja nos estudos de Reclus no final do século XIX ou de Andrade ao longo do século XX.

Nesse caminho, almejando uma geograficidade da questão agrária libertária esse trabalho-constatará os pontos em comum quanto a uma gestão social em sua base, visando uma solidariedade maior dos povos, e evidenciar que os mandatários sociais se apropriam do espaço agrário e constroem uma sociedade máquina (dominantes e dominados), com isso apresentar suas análises espaciais quanto ao desenvolvimento desigual do progresso e do capitalismo.

1. Influência de Élisée Reclus e a geografia libertária

A influência de Élisée Reclus geógrafo fundador da Geografia com criticidade em Manuel Correia de Andrade geógrafo que executou uma geografia com criticidade no Brasil, não se constitui por uma influência objetivada ou desanuviada, porém a influência se perpassa pelo fato dos dois geógrafos pensarem uma geografia de escala local à mundial, estudando a sociedade e natureza, objetivando uma geograficidade que estaria a serviço de todos os indivíduos. Desse modo, Reclus e Andrade executaram extensas obras pensando os problemas vigentes de seus tempos, porém sempre se baseando na ciência, seja no princípio de examinar as ordens vigentes das coisas do espaço ou por resposta, entendendo a história, e a geografia social que constituem todas essas espacialidades de problemáticas.

Nessa perspectiva, esses dois importantes geógrafos, constituíram extensamente suas importantes contribuições na gestão comum da sociedade, sempre pensando o espaço social harmônico com as influências do meio. Executando inicialmente uma geografia comparada das sociedades, a influência está direta do prussiano Karl Ritter, um dos fundadores clássicos da ciência geográfica. Assim sendo, projetam observações detalhadas da Terra que mostra à História, almejando um estudo aprofundado do planeta, em um viés de uma solidariedade mais consciente do indivíduo, que é tão pequeno e tão grande, comparado ao imenso universo. (RECLUS, 1906).

A Geografia libertária, ou a geografia feita pelos geógrafos libertários, tem sua base fundamentada por Élisée Reclus e também Piotr Kropotkin (1842-1921), bem como a rede de geógrafos que constituem suas pesquisas e também à parte de pesquisa para os capítulos das extensas obras destes geógrafos contemporâneos. Além do mais, classificamos como libertária tal Geografia, devido ao fato primordial do pensamento ácrata que influencia a

análise espacial desses geógrafos. E a constante busca do equilíbrio social, para a construção de uma sociedade essencial para o desenvolvimento digno de toda a humanidade. A práxis libertária, a Geografia libertária, pode contribuir e muito para se pensar sempre a espacialidade dos ambientes em desequilíbrio social, os possíveis caminhos de elucidação de melhoria, por uma Geografia libertária entendemos também uma ciência a serviço de todos, e para todos, uma geografia que seja não só capaz de identificar os problemas do meio visível, mas elucidar e modificar o mesmo para melhor.

Devido a importância do pensamento social de Manuel Correia de Andrade no século XX e na sociedade contemporânea, a respeito do pensamento social brasileiro e da conjuntura da formação territorial brasileira, sobressaindo também o pensamento histórico-geográfico aspiraremos o pensamento ou a construção de uma geografia agrária libertária em Andrade, mas de antemão esclarecemos que não pretendemos devido ao fato de Reclus ser geógrafo libertário, anexar ilusoriamente Andrade com o pensamento ácrata; Manuel vivenciou a renovação crítica da geografia, no qual o marxismo se auto proclamou a única criticidade válida, e essa geografia marxista contribuiu para a ciência geográfica e influenciou largamente uma geração de geógrafos e cientistas.

Nesse trâmite, a geografia principalmente do século XX ligada profundamente ao Estado, juntamente com os vidalianos e marxistas, optou-se por anular ou ignorar com tendências a grande contribuição e avanço da ciência geográfica que Élisée alicerçou. Nesse caminho, a preocupação de Andrade (1985) de entender e considerar também os geógrafos libertários, traduzindo e apresentando interessantes análises, e sendo uns dos precursores a apresentar a geografia libertária no Brasil, é o que objetiva também a construção dessa pesquisa.

Enorme é o desafio, o geógrafo fazer uma reflexão global sobre o espaço agrário brasileiro e mundial, os processos de posse e uso da terra, considerando a grande extensão do país Brasil e as diversidades constituintes, acarretam paisagens bastantes diversificadas; precisa-se considerar também o processo de ocupação e de exploração nacional, que gera diversas formas de controle ao direito à terra. (ANDRADE, 1996).

Ademais, evidenciaremos a síntese básica de uma geografia agrária libertária, com base nas premissas e pesquisas de Reclus pretendemos mostrar as semelhanças de uma gestão do espaço agrário, sobressaindo o Brasil, mas primeiramente a questão se faz em pensar uma geografia agrária nos estudos de Andrade e evidenciar os desdobramentos de uma concepção da questão agrária libertária; e “observa-se assim que a neutralidade da Geografia, tão

defendida pela escola clássica, é um mito, e que hoje à Geografia do Poder se vem contrapondo, embora de forma descontínua, uma Geografia do Povo”. (ANDRADE, 2008, p. 97).

Para o libertário Reclus, os territórios deveriam ser comunais, sem divisões de territórios ou fronteiras que separassem ou diferenciasssem os povos a partir de nacionalidades, pois isso impedia a fraternidade entre eles, este pensamento se vinga em suas obras quando ele afirma que as fronteiras naturais por não serem formuladas pelos homens, eram as únicas que deveriam ser validadas, em que as fronteiras políticas tinham a capacidade de separar povos que historicamente executavam a solidariedade. (NOGUEIRA, 2011).

A partir dessas premissas de Reclus sobre os territórios sintetizada e apresentada por Nogueira (2011) refletiremos sobre a geografia agrária libertária, no qual este termo não foi formulado por Reclus ou por outros geógrafos do século XIX, porém devido ao fato da geografia de Élisée Reclus constituir em seu conjunto total feições libertárias, analisaremos a questão agrária na práxis libertária, coligando em modo reflexivos com a geograficidade de Manuel Correia de Andrade, em ambos os geógrafos são formuladas contribuições e pensamentos, profunda pesquisa teórica e empírica sobre o planejamento e gestão das sociedades, luta de classes, desigualdades sociais e regionais, políticas para os camponeses e operários e uma reforma agrária, entre outras inúmeras questões sociais e naturais pesquisadas por esses cientistas, porém o ponto crucial desta pesquisa se faz na questão agrária, através de Reclus pensar uma questão agrária mundo, assim como em Andrade, mas tentando refletir também sobre a história da sociedade brasileira e os desdobramentos atuais.

Ao exprimir-se a respeito da grande propriedade, Andrade (1996) evidencia que a propriedade pecuária, constituída desde o século XVI no Nordeste, aflorou-se para o Sudeste e o Centro-Oeste nos séculos XVII e XVIII, formando grandes propriedades e também as chamadas estâncias gaúchas. Ademais, o sistema agrícola colonial marcou sobretudo os estados Sul e Sudeste, em que havia colonos açorianos, depois italianos, alemães e escravos que ocuparam proporções de terra no Brasil e produziram a pequena agricultura de produtos de subsistência e vendas dos excedentes. Cabe também recordar que a geograficidade agrária de Andrade esclareceu que o problema da terra e as desigualdades do Nordeste brasileiro são gestoriais, ou seja, das elites políticas que perpetuam o poder regional e não uma força da natureza, destronando o paradigma da centralidade científica e do progresso do Sudeste/Sul, pondo à tona que o conflito e políticas mudam esse espaço regional e a espacialidade do

Brasil entre progressos e retrocessos que são praticadas pelos homens contra os homens, estruturando uma sociedade entre dominantes e dominados.

Alguns grandes espíritos não se contentam em admitir essas restrições capitais à noção do progresso, eles negam inclusive que possa haver melhoria real no estado geral da humanidade. Toda impressão do progresso seria, segundo eles, pura ilusão e só teria um valor completamente pessoal. Na maioria dos homens, o fato da mudança confunde-se com a ideia de progresso ou retrocesso segundo ele aproxima-se ou afasta-se do grau particular ocupado pelo observador na escala dos seres. (RECLUS, 2011, p. 13).

A ideia de progresso e dos avanços tecnológicos não atingem todos os indivíduos da mesma forma na sociedade, Reclus em sua vasta obra alertou sobre essas contradições acerca do desenvolvimento do capitalismo e suas consequências no campo e na cidade.

Andrade (1996) demonstra que o espaço agrário brasileiro tem sua organização e reorganização contínua, constituindo tendências em algumas áreas e em certas culturas, confirmando a expansão empresarial em grande escala. Entretanto, em outros espaços a tendência é controlar a indústria, organizando a agricultura com os pequenos agricultores.

A partir destes parâmetros e no momento em que se intensifica a luta dos excluídos, cada vez mais numerosos, em favor de uma reforma agrária, e quando muitos estudiosos pensavam que, com o crescimento da urbanização, essa reforma era um tema suplantado, devemos raciocinar sobre a reforma agrária como sendo indispensável ao Brasil de hoje. (ANDRADE, 1996, p.156).

Outrossim, como exposto é um esforço fazer a síntese analítica precisa da questão da propriedade da terra no Brasil, das lutas de classes vistas nas trincheiras entre os beneficiários da apropriação e da gestão à vida, e os subalternos, os excluídos, que dão a vida ao solo, mas recebem as mais cruéis condições de remunerações e direitos à manutenção de suas existências. A estruturação de uma geografia agrária libertária se faz necessário para condicionar uma visão do espaço sem privilegiar um Estadocentrismo geográfico. No próximo tópico, avançaremos nessa discussão teórica, da problemática da terra e elencaremos as criticidades dos dois autores e meditamos uma geografia libertária para o mundo e para o Brasil e os elementos e pressupostos libertários na geografia agrária de Andrade:

2. O homem e a terra, as lutas de classes, os progressos e retrocessos

Reclus (2016) põem à tona que a sociedade constitui todas as sociedades anteriores, e pelo efeito do contato as situações deslocam para um desvio arrebatador; assim, o progresso

dos indivíduos se embaralham com aquele da sociedade, unida por laços de solidariedade cada vez mais íntima.

Nessa perspectiva, para que construamos uma objetividade de uma análise espacial totalizante da questão agrária, Andrade (1995) elabora uma observação histórica, em que o presente é plasmado no passado em que continua licenciado e se apresenta para o futuro, além do mais, não se deve fazer apenas uma análise espacial do instantâneo do que está visível na paisagem e nas relações dos indivíduos e conflitos sociais. Nesse caminho, a real origem da paisagem e das relações no espaço vigente vem se processando contínua e lentamente nos tempos, e põem à luz as tendências e caminhos das conjunturas sociais futuras; “a geografia liga-se a todas as ciências e apresenta-se como sólido ponto de apoio de um depósito infinito para a produção dos fatos”. (RECLUS, 2010a, p. 77)

Vista de cima, em suas relações com o Homem a Geografia nada mais é que a História no espaço, assim como a História é a Geografia no tempo. Herder, falando da fisiologia, já não nos disse que ela é a anatomia agente? Não podemos dizer igualmente que o Homem é a Natureza tomando consciência de si mesma? (RECLUS, 2010a, p. 43).

O Homem na contemporaneidade quer segundo Reclus (2010b) é adaptar a terra às necessidades e dela tomar posse completa para explorar suas numerosas riquezas, e analisa que os povos, atores e testemunhas de todas as grandes empresas capitalistas, deixam-se tomar pela embriaguez do trabalho e que só planejam moldar a terra à sua imagem, conservam seus direitos, escrito em algumas constituições, é a “busca da felicidade” exprime Reclus (2010) busca sem efeito se não se tornasse ciência, e por consequência não se apoiasse na observação ou nas experiências repetidas, a observação é a obra da geografia.

A perda do apoio dos proprietários de terra se fez diminuta com a abolição da escravatura, a abolição foi uma medida muito tardia no Brasil, que deveria ter sido tomada mais ainda no passado, quando o país começou a se industrializar e com a expansão de sua área de cultivo, sobressaindo o café. Ademais, o Império manteve uma lei de terras, que excluía a apropriação de terras devolutas, por parte de pequenos e médios agricultores, fazendo a configuração da escravidão subsistir até 1888. Quando ela já havia sido abolida em toda a América Latina. (ANDRADE, 1991, p. 93).

Por isso esses fazendeiros consagravam, para Andrade (1987), formas já existentes, em dimensões pouco alarmada, desde o período colonial, que produziam o campesinato, no qual essas formas de trabalho era preso à terra, no sentido de receber lotes para cultivar produtos de subsistência, dando ao proprietário, por um baixíssimo salário, ou sem

pagamento, alguns dias de trabalho semanal. Desse modo, o proprietário constituía em suas propriedades, armazéns, os chamados barracões, em que vendiam aos trabalhadores, a crédito, os produtos essenciais à sua subsistência, almejando manter os camponeses endividados e amarrados à propriedade.

Eis, camaradas trabalhadores que amais o sulco onde vistes pela primeira vez o mistério do caulículo de trigo perfurando a dura terra; eis que destino preparam-vos! Tomarão o campo e a colheita, tomarão vós próprios, eles vos amarrarão a alguma máquina de ferro, fumegante e estridente, e completamente envoltos da fumaça do carvão, tereis de balançar vossos braços sobre uma alavanca 10 ou 12 mil vezes por dia. É a isso que se chama agricultura. (RECLUS, 1899 [2016], p. 90).

Para Andrade (1979), a politicagem de desenvolvimento agrícola, estruturada em um viés economicista, que se desprende do problema social, contribui para a manutenção da grande propriedade e o desemprego no espaço rural, no qual alastrou o processo migratório do campo para cidade; isto sempre visando montar um sistema que possa proteger e nutrir a grande propriedade, com a mecanização agrícola, à serviço da agricultura de exportação. O progresso do maquinário do Homem que apresenta benefícios, carrega em seu cerne retrocessos, acarretando desemprego e fome de muitos trabalhadores.

Andrade (1987, p. 72):

Imaginando uma sociedade em que os ricos mandam e os pobres obedecem humildemente, esses proprietários consideram o povo incapaz e incompetente para tomar decisões. Para os tecnocratas, quase sempre imbuídos de preconceitos e de teorias alienadas da realidade brasileira, o problema agrário é neutro, teórico, cabendo a eles, os técnicos, elaborar e, ao povo, submeter-se às suas deliberações. É a eles que cabe decidir o que é bom e o que é mau para a população.

Reclus (2011) propõem que o fato geral é que toda modificação, por mais importante e necessária que seja, realiza-se pela adjunção ao progresso de retrocessos correspondentes, “por conseguinte um progresso nunca vem sozinho; ele completa-se, repercute-se em outros progressos no conjunto da evolução social” (RECLUS, 2011, p. 60). Nessa acepção, a proletarização das camadas rurais, segundo Andrade (1991) são consequências da dominação do sistema de grande propriedade, implantado no período colonial, desde que o Homem branco se fixou no Brasil, é constatado uma sociedade entre dominantes e dominados, fato ainda bem marcado no século XXI na paisagem de todo Brasil; é “o “progresso”, o desenvolvimento, feito às custas dos pobres para beneficiar os ricos”. (ANDRADE, 1991, p. 69).

A vista disso, “o sistema fundiário, herança das sesmarias do período colonial, e a disponibilidades de terras por ocupar, alimenta o crescimento da produção agrícola que se faz pela agregação de novas terras, sem que haja um crescimento vertical do direito à terra e das produções”. (ANDRADE, 1979, p. 65).

A exploração dos trabalhadores rurais aliado a concentração de terras são processos que denotam as contradições do progresso indicado por Reclus, e que Andrade segue nessa perspectiva histórica da grande propriedade rural e escravista no Brasil.

Um fato capital domina toda a civilização moderna: o fato de que a propriedade de um único pode crescer indefinidamente, e, inclusive, em virtude do consentimento quase universal, abarcar o mundo inteiro. O poder dos reis e dos imperadores é limitado, aquele da riqueza não o é absolutamente. O dólar é o senhor dos senhores: é por seu valor, antes qualquer outra razão, que os homens estão diversamente repartidos sobre a superfície da terra, distribuídos aqui e acolá nas cidades e nos campos, nas oficinas e nas fábricas, conduzidos de trabalho em trabalho, como o seixo de praia em praia. (RECLUS, 2010c, p. 43).

Consequentemente, em nome de uma racionalização, a expansão da fronteira agrícola se emerge com o favorecimento de incentivos, grandes empreendimentos, milhares de hectares, sem a preocupação com a manutenção a vida, e do desenvolvimento da pequena e médias propriedades, sem políticas de pertencimento do trabalhador agrícola ao meio rural. (ANDRADE, 1979).

[...] a grande chaga do meio rural não é o minifúndio, que sustenta a maior porção da produção brasileira de alimentos, mas o latifúndio, que garante apropriação de mais de três quartos da superfície apropriada do País, mas não os cultiva intensamente, impedindo mais de doze milhões de trabalhadores rurais de terem acesso à terra e à produção. (ANDRADE, 1991, p. 62).

Na opinião de Reclus (1899 [2016]), quando os trabalhadores tiverem a força colocaram as mãos sobre esses domínios e vão dizer àquele que se diz proprietário: “Para trás, arrivista! Visto que soubesse trabalhar, continua! Terás o pão que te der teu labor, mas a terra que outros cultivam não é mais tua. Não és mais o dono do pão”. (RECLUS, 2016, p. 83). Nesse caminho, o limite será traçado diversamente entre as culturas dos indivíduos ou grupos, pela capacidade de produção, assim o que os trabalhadores rurais cultivam pertencem a eles mesmos.

Nenhum amor é mais forte que aquele do camponês pelo solo que ele resolve e semeia, no qual nasceu e ao qual retornará! Entretanto, quantos inimigos o cercam e cobiçam a posse da terra que ele adora! O cobrador de impostos taxa

sua charrua e toma-lhe uma parte de seu trigo; o negociante pega uma outra parte; a ferrovia frustra-o também no transporte da produção. De todos os lados ele é enganado. E de nada adianta dizer-lhe: “Não paga o imposto, não paga o arrendamento”, ele paga mesmo assim porque está só, porque não confia em seus vizinhos, os outros pequenos camponeses, proprietários ou meeiros, e não ousa entrar em acordo com eles. São mantidos subjugados, ele e todos os outros, pelo medo e pala desunião. (RECLUS, 2016, p. 84-85).

Élisée Reclus (2016), propõem o apoio mútuo para se constituir a comuna, que seria simultaneamente propriedade de todos e de cada indivíduo, resolvendo suas necessidades vigentes com o cooperativismo dos trabalhadores, teorizando uma análise espacial que se constituiria de comuna a comuna, mas poderia e deve avançar também de país a país, em uma grande internacional dos trabalhadores.

Nessa mesma perspectiva, Manuel Correia de Andrade (1979, p. 67) propõem o cooperativismo:

Uma política de colonização de terras devolutas com pequenas propriedades estruturadas em um sistema cooperativista – com as chamadas Cooperativas Integrais de Reforma Agrária – poderia provocar a formação de uma área de equilíbrio social e de bem-estar econômico, onde o Estado, fornecendo, através das instituições a ele ligadas, o crédito barato, a assistência técnica, os serviços de assistência social, a organização da industrialização da produção agrícola e a organização do escoamento e da comercialização do produto, provocaria a formação de uma classe média rural e sustaria o processo de proletarianização, intensificado com a implantação no campo da grande empresa capitalista, das propriedades de sociedades anônima.

Desse modo, para Andrade (1991) a sociedade brasileira precisa-se concluir a definição entre o retrocesso do passado, ou o progresso do futuro, que pretendemos, vigorando-se como mencionado anteriormente a geograficidade que Manuel almejava de abarcar toda a sociedade e contribuir com a sua parte de gestão da sociedade brasileira e mundial. Ademais, segundo o pensador brasileiro a qualquer momento poderíamos viver um 13 de maio, com uma intensa reforma agrária, que tem suas raízes; ou um 28 de setembro, com politicagens que apenas retardam a solução do enorme problema que dificulta o progresso do desenvolvimento do Brasil.

De mais a mais, em Andrade (2006) os estudos técnicos, agrônômicos, sempre precisam estar alinhados às pesquisas científicas, da geografia, história, sociologia, economia, com a intenção de uma consciência plena entre os técnicos e a população, sem paixões

peçoais, mas com a plena dignidade de intenções, da construção e devolução de benefícios para a população, sendo o país Brasil responsável pelo bem estar de seus habitantes.

Sendo assim, a geografia agrária sintetizada até então, vigora a premissa de Reclus (2016) de que muitos ainda vivem na escravidão do salarido, e que sempre o patrão do trabalhador se configura em manter uma camada social pronta para ser mão de obra, de fácil substituição e alta procura de emprego, devido as desigualdades sociais vigentes na espacialidade do passado e também na espacialidade das sociedades modernas atuais. Dessa forma, para Reclus (2016) “[...] são sempre obrigados a mendigar trabalho, ou pedir humildemente ou implorar uma avara razão”, assim configurando-se desde o passado aos dias atuais uma sociedade entre Homens com título de terra, e Homens sem título de terra. (RECLUS, 1899 [2016]).

Uni-vos todos em vossa desgraça ou vosso perigo. Defendei o que vos resta e reconquistai o que perdeste. Caso contrário, vosso destino futuro será horrível, pois estamos numa época de ciência e método e nossos governantes, servidos pelo exército dos químicos e dos professores, preparam-vos uma organização social na qual tudo será regulado como numa fábrica, onde a máquina dirigirá tudo, inclusive os homens, onde estes serão simples engrenagens que serão substituídos como ferro-velho quando se puserem a raciocinar e querer. (RECLUS, 1899 [2016], p. 87).

Essa geografia agrária libertária estaria externada através das análises de Élisée Reclus e de Manuel Correia de Andrade, estes referindo que foi a escravidão antiga que manipulou e moldou metodicamente a matéria humana, para assim reduzi-la a estado de ferramenta. Assim sendo, “os trabalhadores rurais deveriam organizar de comuna a comuna e que a mais fraca seja fortalecida por todas e unindo-se as pessoas deserdadas das cidades para conservar a terra e a reconquistar aquela que foi lhes retirada”. (RECLUS, 1899 [2016], p.91).

Mas se não fizerdes isso, tudo estará perdido. Perecereis escravos e mendigos. “Tendes fome”, dizia recentemente um prefeito de Alger a uma comissão de humildes sem trabalho, “tendes fome?...pois, então, comei-vos uns aos outros!” (RECLUS, 1899 [2016], p. 91-92).

À vista disso, o pensamento de Reclus e Andrade se apresentam-se como uma fonte bem rica de análises para se teorizar uma geografia agrária libertária, evidenciando a guerra não declarada de classes sociais que foram se construindo através das mudanças espaciais na história, com preocupação de vivenciar uma mudança na sociedade e formular uma conjuntura territorial e social mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho através de obras selecionadas dos geógrafos Élisée Reclus e Manuel Correia de Andrade pretendeu através da pesquisa, resgate e levantamento bibliográfico além de objetivar o entendimento de uma geografia agrária libertária e suas coligações e desdobramentos na suas análises espaciais, e também evidenciar as importantes contribuições destes cientistas para a Geografia.

Sobressaiu-se o entendimento de que a premissa de uma geograficidade e planejamento e gestão do espaço agrário à serviço da população no sentido de um progresso do indivíduo e do coletivo que foi apresentado por Élisée se mostra na análise espacial de Andrade, com o mesmo sentido de através da ciência transformar as paisagens, o espaço agrário, e mostrar sua contribuição para amenizar e abolir a opressão causadas dos Homens contra os Homens, desse modo se houve um real progresso no direito ao uso da terra no Brasil e inúmeras outras localidades do mundo, o Homem ficou de fora.

Apesar dos contextos histórico-geográficos distintos, os autores coadunam das ideias de fortalecimento entre os segmentos das populações menos favorecidas, para avançar e romper com as desigualdades impostas pelo progresso que o capitalismo impõe na sociedade. A cooperação é a tônica dos discursos de Reclus e Andrade, como forma de fortalecer o trabalho entre os pequenos agricultores e camponeses, seja pela condução das ações coletivas da sociedade para Reclus ou para o Estado em Andrade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Flamarion Dutra. **Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira**: A produção em periódicos científicos de 1939 – 2009. Tese (Doutorado em Geografia – Organização do Espaço). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Agricultura e Capitalismo**. Livraria Editora Ciências Humanas. 1979.

ANDRADE, Manuel Correia de (Org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Abolição e reforma agrária**. Editora Ática, 1987.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O povo e o poder**. Oficina de Livro, 1991.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. Editora Hucitec, 1995.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Organização do espaço agrário brasileiro**. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Reunião de Instituições Produtoras, Fórum de Usuários, Seminário "Desafios para Repensar o Trabalho", Simpósio de Jornada de inovações, Cursos Mostra de Tecnologias de Informação, p.152-160, 1996.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia ciência da sociedade**. Editora Universitária UFPE, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **Mundo Rural e Geografia: Geografia agrária no Brasil: 1930-1990**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LUIZ JUNIOR, W. **As Contribuições de Élisée Reclus para História do Pensamento Geográfico e para emergência da Geografia Crítica**. 2023. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia Bacharelado) – Universidade Federal de Alfenas – MG.
- NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteiras: a divisão da fraternidade no mundo. **Revista Geonorte**, v. 2, n. 3, p. 25-39, 2011.
- RECLUS, Élisée. **Da ação humana na Geografia Física; Geografia comparada no Espaço e no Tempo**. São Paulo: Imaginário, 2010a.
- RECLUS, Élisée. **O homem e a terra. O Estado moderno**. São Paulo: Expressão e Arte, 2010b.
- RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra: A Cultura e a Propriedade**. São Paulo: Expressão &, 2010c.
- RECLUS, Elisée. **O homem e a terra–Progresso**. São Paulo: Imaginário: Expressão & Arte, 2011.
- RECLUS, Eliseo. **El Hombre y la Tierra** .1906.
- RECLUS, Elisée. **Anarquia pela educação**. Hedra, 2016.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. **Leituras dos territórios paradigmáticos da geografia agrária**: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

Walter Luiz Junior

Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas - MG, bolsista PIBIC/FAPEMIG atuando em pesquisas sobre a História do Pensamento Geográfico. Membro do Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES – UNIFAL-MG).

Email: walter.luiz@sou.unifal-mg.edu.br

Flamarion Dutra Alves

Graduado em Geografia e Mestre em Extensão Rural pela UFSM, Doutor em Geografia pela UNESP Rio Claro. Professor do PPGEIO da Universidade Federal de Alfenas – MG e PPGEIO da Universidade Federal de São João del-Rei. Líder do Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES – UNIFAL-MG).

Email: flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br